

ART. XV. Em qualquer destes casos, (Artigos 9.º, 10.º, 11.º e 12.º, Secção II.) quando a febre terminava favoravelmente, se os doentes, estando já convalescendo, commettião, todavia, algum erro de dieta, ou se por ventura se expunhão incautamente ao ar frio, então corrião elles o risco de recahir. Nestas circumstancias, precedendo alguns symptomas do periodo do frio de hum paroxismo febril, formava-se o periodo do calor, no qual se manifestavão, dentro de pouco tempo, symptomas mais ou menos evidentes de inflammação do figado, do peritoneo, etc. E semelhantes recahidas, pela maior parte, acontecião naquelles casos, em que a febre terminava por crise antes do setimo ou do undecimo dia.

ART. XVI. Concluirei esta Secção resumindo a historia dos differentes modos, por que a Febre Epidemica Contagiosa atacava, augmentava, e terminava favoravel, ou fatalmente nos seguintes Corollarios.

1.º Humas vezes a febre atacava com calefrios manifestos, etc., e no periodo do calor do primeiro paroxismo o pulso era mais forte e cheio do que o natural; (Art. 2.º, Secção II.) e então no seu progresso observavão-se pulso cheio, vigoroso, e frequente; calor da pelle augmentado; grandes securas; prizão de ventre; urina mui corada; repleção dos vasos sanguineos dos olhos e da cabeça; inchação, e sensibilidade de ventre; maior ou menor prizão deste; dor, e oppressão na cabeça; delirio, hemorrhagias de nariz, etc. (Artigos 4.º, 5.º e 7.º, Secção II.) Na sua terminação favo-

ravel notavão-se pulso menos cheio; e menos frequente; calor, e côr da pelle quasi naturaes; alguma transpiração; lingua humida, e deixando a crusta saburrosa; camaras biliosas amiudadamente; urina depondo hum sedimento furfuraceo; ventre baixo, molle, e sem sensibilidade; hemorragias de nariz; menos repleção dos vasos sanguineos dos olhos, e da cabeça; menor dor de cabeça, e allivio na oppressão desta; diminuição do delirio; alguma somnolencia, etc. (Art. 9.º, Secção II.). E na sua terminação fatal vião-se o pulso mui frequente, e como contrahido; o ventre muito inchado, e sensível; a lingua mui secca, escura, e aspera; a côr da pelle rôxa-escura; as evacuações das fêzes, e da urina ora involuntarias, ora supprimidas; o delirio mui violento; a respiração anhelante; a insensibilidade geral; os suôres frios parciaes, e a morte. (Art. 9.º, Secção II.)

2.º Outras vezes a febre atacava com calefrios manifestos, etc.; mas o pulso no periodo do calor do primeiro paroxismo, conservando quasi o vigor, e plenitude naturaes, mostrava certa molleza; (Art. 2.º, Secção II.) e então no seu progresso observavão-se pulso frequente, e particularmente molle; calor de corpo, sêde, e seccuras maiores ou menores; lingua secca com huma saburra viscosa, e escura; dentes cobertos de huma materia viscosa escura e secca; oppressão no estomago e no peito; delirio mais ou menos violento; hemorragias de nariz; evacuações de fêzes, e urina irregulares; ventre inchado e sensível, etc.; (Artigos 4.º, 5.º e 7.º, Secção II.) e huma ou outra vez mais ou menos irregu-

laridade de symptomas. (Art. 11.º, Secção II.) Na sua terminação favoravel a par do aspecto regular, que mostravão todos os symptomas, notavão-se o pulso já sem a molleza, que lhe era particular, e ao mesmo tempo menos frequente; o calor, e côr da pelle naturaes, e alguma transpiração; a lingua humida deixando a crusta saburrosa, e ficando como escoriada; os dentes limpando-se da materia viscosa que os cobria; a urina depondo algum sedimento; as camaras biliosas, e repetidas tres, quatro, e mais vezes nas vinte e quatro horas; o ventre molle, baixo, e sem sensibilidade alguma; o delirio diminuindo, e convertendo-se pouco a pouco em somnolencia e surdez; e por fim hum somno mais ou menos descansado, quando já se não fazião notaveis, nem a depressão de forças, nem o estado dorido do corpo. (Art. 10.º, Secção II.) E na sua terminação fatal ora existindo, ora não, maior ou menor irregularidade de symptomas, (Art. 11.º, Secção II.) vião-se o pulso mui frequente, e notavelmente molle; contracções espasmódicas nas extremidades; grande oppressão no peito com huma respiração afanosa; evacuações de fézes, e urina involuntarias; grande inchação, e sensibilidade de ventre; a lingua secca e negra; os dentes seccos e escuros; a pelle de côr rôxa-escura, e aspera; o delirio cada vez mais intenso; hemorrhagias de nariz; depois huma perfeita apathia; os olhos como immoveis; a cornea com a apparencia de vidro empannado; as extremidades frias; os suôres frios parciaes, e a morte. (Art. 10.º, Secção II.)

3.º Outras vezes a febre atacava com pequenos arrepiamentos de frio, pequenas dores de cabeça, etc., e passavão os doentes hum, dous, e mais dias sem maior incommodo, até que se formava o primeiro paroxismo febril mais ou menos claramente; (Art. 1.º, Secção II.) e então no seu progresso observava-se ora hum augmento regular dos symptomas; e assim o pulso era pequeno e frequente; a lingua via-se secca, mas não mui saburrosa; a fraqueza das facultades intellectuaes crescia pouco a pouco, até se converter em delirio; as fêzes e a urina vinhão involuntariamente; as camaras erão aquosas; a urina clara como agua; o ventre elevava-se mais ou menos, mas nem sempre accusava sensibilidade; e por fim appareião contracções espasmodicas nas extremidades; hemorragias de nariz; e maior ou menor depressão de forças: (Artigos 6.º e 7.º, Secção II.) ora se notava hum estado mais ou menos irregular dos mesmos symptomas (Art. 11.º, Secção II.). Na sua terminação favorável, a par de hum aspecto mais ou menos regular, que mostravão os symptomas, vião-se o pulso menos frequente, e mais vigoroso, e a lingua humida, que depois de largar a crusta saburrosa, mostrava-se no meio como escoriada; o delirio diminuia insensivelmente; as camaras já não vinhão involuntariamente, e erão biliosas; a urina tornava ao estado natural; o ventre mostrava-se baixo e molle; desappareião as contracções espasmodicas das extremidades; as hemorragias cessavão; e diminuia pouco a pouco a depressão de forças, etc. (Art. 11.º, Secção II.) E na sua terminação fa-

tal ora se observava hum augmento progressivo dos symptomas já referidos, sem huma notavel irregularidade desses mesmos symptomas, ora esse augmento era acompanhado de hum estado mais ou menos irregular da febre. (Art. 11.º, Secção II.)

4.º Outras vezes a febre atacava com pequenos arrepiamentos de frio, pequenas dores de cabeça, etc., e a estes succedião imperceptivelmente outros symptomas, que augmentavão pouco a pouco, vindo assim a formar-se a febre, sem que se manifestasse o seu primeiro paroxismo (Artigos 1.º e 3.º, Secção II.); e então o seu progresso era sempre lento, e mais ou menos irregular: a sua terminação favoravel era sempre mais ou menos tardia, e dava-se a conhecer assim pelo aspecto regular, que apresentavão todos os symptomas, como pela diminuição lenta, e quasi imperceptivel delles (Art. 12.º, Secção II.): e a sua terminação fatal era igualmente tarda, mostrando a febre no seu progresso irregularidades mais ou menos notaveis (Art. 11.º, Secção II.), e por fim o augmento excessivo de alguns symptomas, aos quaes succedia a morte. (Art. 12.º, Secção II.)

5.º Finalmente por qualquer dos modos que a febre atacava, quando ella era violenta, observavão-se na sua declinação, huma ou outra vez, inflammações das parotidas, e de ordinario vomitos biliosos. Se os doentes não tinhão sido evacuados competentemente, algumas vezes na terminação da febre apparecião diarrehas; as quaes, não sendo tratadas com remedios adequados, se convertião em dysenterias, pela maior parte, fataes. E se a

febre havia terminado por crise antes do setimo dia, e os doentes, na sua convalescença, commettião erros de dieta, ou se expunhão incautamente ao ar frio, então corrião estes o risco de recahir; e, em semelhantes recahidas, o figado era geralmente atacado de inflammação. (Artigos 13.º, 14.º e 15.º, Secção II.)

---

## S E C Ç Ã O III.

*Da natureza, e caracter da Febre Epidemica Contagiosa.*

---

. . . . . Sic collige mecum.

*Horacio.*

---

ART. I. **S**Em entrar na discussão das muitas, e diferentes opiniões, que Engenheiros mais ou menos felizes tem formado em todos os tempos para explicar a natureza de todas as Febres, eu me limitarei apenas a tratar assim da influencia das principaes causas que produzirão, como da qualidade das apparencias mais notaveis, que se observarão na Febre Epidemica Contagiosa, para deduzir de huma, e outra, servindo-me das idéas luminosas de Darwin (1) e Bichat, a essencia das mudanças morbosas, que constituirão a dita Febre.

---

(1) O Doutor Clutterbuck, mencionando na sua Obra, *sobre a sede, e natureza da Febre*, muitos dos sonhos, que, em varios tempos, tem apparecido a este respeito, não se dignou fazer nem ainda a mais leve menção da theoria de Darwin. E o Doutor Wilson, no seu *Tratado sobre as Doenças Febris*, tratando da causa proxima das Febres, achou que só lhe devião merecer attenção as doutrinas de Cullen, e de Brown. Elle despreza a primeira por não constar senão de idéas hypotheticas, e de huma curta recapitulação dos symptomas da Febre! . . . Depois passa a com-

ART. II. E para que me possam entender os meus Leitores, que não estão ao alcance das obras de Darwin e de Bichat, cumpre primeiro do que tudo, por huma parte, que eu os remetta á leitura do meu Resumo, e Traducção da Materia Medica de Darwin; e pela outra que eu lhes dê huma idéa geral da doutrina physiologica de Bichat. Define este a vida *a reunião de todas as funções, que resistem á morte*. A vida apresenta duas modificações notaveis: huma, que he commum aos vegetaes e animaes: e a outra, que he privativa dos ani-

---

mentar, e dilucidar a segunda, e conclue que *a causa proxima da febre he huma mudança nas leis da excitabilidade, em consequencia da qual os mesmos agentes não produzem os mesmos effeitos!* ... Quanto esta definição concorra para nos fazer entrar no conhecimento da natureza da Febre eu ainda ignoro; porque ella me parece applicavel a todas as doenças, nas quaes he evidente que a excitabilidade, ou susceptibilidade de impressão, deve sempre soffrer alguma mudança.

Os que tem lido as Obras de Darwin, e particularmente a sua theoria sympathica da Febre, e sabem avaliar devidamente a engenhosa delineação com que elle a formou, e as rigorosas deducções que nella seguio, conhecendo assim a rasoavel explicação dos symptomas da febre, que essa theoria nos offerece, como as judiciosas indicações de cura que della se seguem, não deixarão de se admirar que dous Escriptores, como os Doutores Clutterbuck, e Wilson, publicando as suas idéas sobre a natureza das febres, n' hum tempo, e n' um Paiz, em que a Zoonomia era assás conhecida, condemnassem todavia o nome do seu Author a hum total esquecimento!.. A' vista disto pois, por huma parte, tendo eu quasi a certeza de que esses dous Escriptores lêrão as Obras de Darwin, antes da publicação das suas proprias, e pela outra vendo o modo, por que elles as avaliarão, a par das muitas que citão a cada passo, não posso deixar de lhes applicar a picante, mas judiciosa sentença de Phædro:

*Ego qui te inveni, potior cui multo est cibus?*

*Nec tibi prodesse, nec mihi quicquam potes.*

maes. A primeira chama-se *vida organica*, a segunda *vida animal*. A vida organica, na especie humana, he a reunião de todas as funções, pelas quaes o homem converte continuamente na sua propria substancia as moleculas ou particulas dos corpos, que se avizinhão d'elle, e que servem para a nutrição, e reparação de perda das diversas partes do seu corpo, e bem assim de todas as funções, pelas quaes elle depois lança fora, ou se despoja dessas particulas, quando ellas se lhe hão tornado heterogeneas ou nocivas. Daqui se vê que na vida organica ha duas ordens de funções: huma, que assemelha ao homem as particulas dos corpos, que se avizinhão d'elle, etc., a qual resulta da digestão, da circulação, da respiração, e da nutrição: e a outra, que o despoja dessas particulas, logo que estas se tornão heterogeneas á sua organização, a qual resulta da absorvição, da circulação, da exalação, e da secreção. Esta vida, ainda que seja commum a todos os vegetaes e animaes, he, todavia, mais perfeita nestes do que naquelles. A vida animal, na especie humana, he huma reunião de todas as funções, pelas quaes o homem sente, e percebe os corpos que o rodeão, e de todas as funções, pelas quaes elle como que reverbera as suas sensações, e move-se, e falla. Daqui se vê tambem que ha duas ordens de funções na vida animal: huma, que se estabelece do exterior do corpo para o cerebro, a qual resulta das impressões dos objectos externos, que excitão successivamente os sentidos, os nervos, e o cerebro; e assim os primeiros recebem, os segundos transmittem, e o

ultimo percebe; e essas impressões, sendo assim recebidas, transmittidas, e percebidas, constroem as nossas sensações: e outra, que se estabelece do cerebro para os órgãos da locomoção, e da voz, a qual resulta das acções successivas do cerebro, onde nasce a volição, em virtude das sensações, das acções dos nervos, que transmittem esta volição, e das acções dos órgãos locomotores, e vocaes, que são como os agentes da sua execução. Esta vida he considerada por Bichat como privativa dos animaes. (1) Daqui se entende que o systema

---

(1) As experiencias, e provas produzidas pelo Doutor Darwin na Secção VIII. da sua Phytologia, mostram que os vegetaes possuem tambem em certo grão a vida animal; por quanto nelles se observão alguns phenomenos, que são filhos das funções, cuja reunião constitue nos animaes a vida animal. Assim, por exemplo, tocando-se huma parte de huma folha da mimosa sensitiva, toda a folha se abate: o que dá a entender que a parte da folha tocada tem órgãos proprios para receber a impressão; que a mesma folha tem órgãos á semelhança dos nervos, que transmittem essa impressão; e que ella tem outro á semelhança do cerebro ou sensorio commum, que percebe essa impressão. E eis-aqui como a primeira ordem das funções da vida animal tem lugar. Depois essa impressão, sendo percebida pelo cerebro, fórma a sensação. Desta nasce a volição, a qual, sendo transmittida pelos nervos a todas as partes da folha, faz que toda esta se abata. E eis-aqui a segunda ordem das funções da vida animal. Além disto, huma certa sensibilidade á paixão da reproducção, que muitos vegetaes mostram no tempo, em que o pó prolifico das antheras está apto para a fecundação, dobrando-se ora os estames sobre os pistillos, ora estes sobre aquelles; e o somno de que algumas plantas gozão durante a noite, deixando cahir as suas folhas, e fechando as suas pétalas e calices; e muitos outros phenomenos, que se observão nos vegetaes, me fazem crer que estes possuem, ainda que não em tanta perfeição como os animaes, a vida animal.

sanguineo he para a vida organica o que o cerebro he para a vida animal. Porém as duas ordens de funções da vida organica não tem entre si as mesmas relações, que as duas ordens de funções da vida animal; porque nesta quando as funções da primeira ordem são ou enfraquecidas, ou augmentadas, as da segunda soffrem huma igual modificação; em quanto que na vida organica o enfraquecimento ou vigor das funções da primeira ordem não trás após si huma semelhante modificação nas da segunda. A vida organica differe mais da vida animal nas seguintes circumstancias. 1.<sup>a</sup> A harmonia de acção, que mui bem se ajusta com a symetria dos órgãos da vida animal, e da qual nasce a perfeição assim das nossas sensações, e por isso de todas as nossas faculdades intellectuaes, como dos movimentos de todos os nossos órgãos vocaes e locomotores, he a partilha da vida animal. Pelo contrario a falta de harmonia de acção, que corresponde á falta de symetria dos órgãos da vida organica, e que não perturba as funções desta, he a sua partilha privativa. 2.<sup>a</sup> As funções da vida animal soffrem intermittencias mais ou menos regulares, e constantes: pelo contrario as da vida organica estão em contínua acção ora mais, ora menos energica. 3.<sup>a</sup> O habito tem mais influencia nas funções da vida animal, do que nas da vida organica. 4.<sup>a</sup> Tudo que diz respeito á associação de idéas pertence á vida animal, assim como pertencem á mesma as bases sobre que assenta essa associação, taes como a percepção, a memoria, a imaginação, etc. Pelo contrario tudo que diz respeito ás paixões pertence á vi-

da organica. (1) 5.<sup>a</sup> A sensibilidade dos órgãos da vida organica não he a mesma que a dos órgãos da vida animal. A primeira consiste na faculdade, que cada órgão da vida organica tem de receber impressões, e de as referir sómente ao seu centro privativo, que he o ganglio donde recebe os nervos respectivos. A segunda consiste na faculdade, que todos os órgãos da vida animal tem de receber impressões, e de as referir a hum centro commum, que he o cerebro. 6.<sup>a</sup> A contractibilidade, ou a faculdade de se contrahir, que possuem os órgãos da vida organica não he a mesma que a dos órgãos da vida animal. A primeira, dimanando da sensibilidade organica, prende-se, e como que coexiste com esta. A segunda nascendo da sensibilidade animal, tem com esta apenas huma relação geral: por isso na vida organica ha huma proporção rigorosa entre a sensação, e a con-

---

(1) Que as paixões dependem, e como que se interessão na primeira ordem das funções da vida animal he evidente; por quanto ellas são filhas das sensações, e estas são como o resultado das impressões dos corpos externos sobre os sentidos; da comunicação dessas impressões feita ao cerebro pelos nervos competentes. Nestes termos pôde dizer-se, que as paixões existem pela intervenção da primeira ordem das funções da vida animal; mas que as sensações, produzidas então no cerebro, em vez de excitarem a volição, e por isso a segunda ordem das funções da mesma vida, dirigem immediatamente a sua influencia aos centros privativos dos órgãos da vida organica, onde tem a sua sede, taes como os ganglios, que dão nervos ao coração, pulmão, estomago, figado, baço, etc. E assim as mudanças morbosas tanto nas funções como na organização destas visceras, são produzidas immediatamente pela influencia dos ganglios, e remotamente pela do cerebro, em virtude da influencia da primeira ordem das funções da vida animal.

tracção , em quanto que na vida animal aquella pôde ser ou muito energica , ou muito fraca , e todavia esta não lhe corresponde. A morte he a cessação de todos os phenomenos ou funções , que constituem as vidas organica e animal. A morte da vida organica trás logo após si a da vida animal : pelo contrario a vida organica pôde existir ainda por algum tempo , depois que tem cessado as funções da vida animal. Daqui vem que só a cessação das funções da vida organica se pôde ter por hum sinal seguro da morte geral. A dependencia , ou relação , que existe entre o cerebro , pulmão , e coração faz que a acção de cada hum destes tres órgãos seja essencialmente necessaria ás acções dos outros dous , de modo que cessando hum inteiramente de se mover , os outros cessão igualmente ; e como elles são os tres centros , donde partem todos os phenomenos secundarios das duas vidas , he claro que a morte ou cessação das suas funções ha de produzir necessariamente a interrupção de todos estes phenomenos , e por consequencia a morte geral. Quando pois a cessação das funções do cerebro , ou do coração , ou do pulmão tem lugar na presença de hum estado perfeito , ou pouco , e levemente desordenado de todas as outras funções das duas vidas animal e organica , então acontece o que se chama morte repentina : mas se as funções do cerebro , ou do coração , ou do pulmão cessão , em virtude das funções de hum , ou outro órgão de qualquer das duas vidas , estarem desordenadas , e cessarem de todo , o que constitue o longo catalogo das doenças , então a morte não se diz